



Niède *Guidon*

TEXTO CARLA MENDES
DATA DA REPORTAGEM 08/2007

*Arqueologia
Brasil*









Niède Guidon

/ PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, BRASIL
/ FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO, BRASIL

TEXTO CARLA MENDES, AGÊNCIA LUSA

Às seis horas da manhã, Niède Guidon já está a guiar o seu 4x4 pelas estradas de terra do sertão brasileiro rumo às escavações que coordena. Aos 75 anos, a arqueóloga paulista, que pôs por terra teorias tradicionais sobre a presença do homem nas Américas, está em plena actividade. É o trabalho que lhe dá mais prazer na vida. Pesquisadora incansável, nem mesmo os dois joelhos com parafusos, devido a fracturas sofridas há dez anos, a impedem de ir ao campo e

vencer subidas e descidas íngremes para orientar o trabalho de técnicos e alunos. Faz isso todos os dias.

Niède Guidon é um exemplo de tenaz dedicação à ciência e ao desenvolvimento. É uma pessoa que faz a diferença. Determinada e objectiva, empenha-se a fundo em tudo o que faz. Com o seu trabalho, mudou a vida de muitas pessoas numa das regiões mais pobres do Brasil, no interior do Nordeste.

A guardiã do tesouro arqueológico

«A arqueologia muitas vezes destrói tudo em que o homem moderno acredita. É muito divertido quando a ciência destrói uma crença. É um passo à frente. E, como cientista, se alguém me provar que uma teoria minha está errada agradeço, porque estou procurando a realidade, não um sonho. Mas tem de o provar», diz-nos.

Durante os seus largos anos de pesquisas, Niède Guidon destruiu várias crenças sobre o homem americano. Foi um trabalho árduo no estado do Piauí, no coração do chamado Polígono das Secas, uma região sujeita a estiagens prolongadas, que duram até nove meses por ano. A falta de chuvas torna a paisagem um manto esbranquiçado¹, um emaranhado de ramos retorcidos, salpicado por plantas espinhosas e recortado por desfiladeiros gigantescos. Apesar do aspecto seco, todas as plantas estão vivas. Quando chega a chuva, as árvores cobrem-se de folhas e a vegetação torna-se exuberante. A fauna acompanha a transformação, revelando a sua diversidade. São papa-formigas,

tatus, macacos, onças, periquitos, cobras, aranhas, roedores e anfíbios. A vida adormecida parece acordar.

Foi nesta região que Niède Guidon encontrou as provas da mais antiga presença humana nas Américas. A sua equipa escavou, na década de 1970, cerca de 1200 metros cúbicos na Toca do Boqueirão da Pedra Furada — um dos mais de mil e trezentos sítios arqueológicos que hoje encontramos ali — um lugar imponente, marcado pela presença de dois grandes blocos de rocha que se desmoronaram da imensa escarpa. A impressão de estarmos a entrar numa grande boca inspirou o nome deste abrigo pré-histórico, onde os nossos antepassados deixaram centenas de pinturas rupestres. Estas não podem ser datadas em laboratórios, porque não contêm material orgânico. Contudo, a datação por Carbono-14 de alguns dos objectos encontrados nas escavações do abrigo remonta a 57 000 anos BP².

«Ficou assim comprovado que os homens já estavam no continente americano bem antes do que se postulava. E mais:

1. A vegetação predominante é a caatinga, que significa mata branca na língua indígena tupi-guarani.

2. Sigla do inglês *Before Present*, «Antes do Presente», escala usada pela Arqueologia e outras disciplinas científicas para datar eventos do passado em relação à data presente.



Foto: Juliano Gouveia

Niède Guidon, 2007

esses homens não poderiam ter vindo da América do Norte, porque, naquela altura, esta região estava coberta de gelo até à zona da Florida. Definitivamente, Pedra Furada, no Parque Nacional Serra da Capivara é hoje o sítio com as mais antigas evidências de ocupação humana na América», explicamos a arqueóloga.

Na avaliação de Guidon, a teoria prevalente até então sobre a chegada do *Homo sapiens* ao continente americano carecia de dados. A hipótese era que há 12 000 anos, data correspondente ao período final da última grande glaciação terrestre, grupos de caçadores teriam chegado à América pelo estreito de Behring. Saindo da Ásia, o homem teria atravessado a pé essa nova «ponte» de gelo que ligava a Sibéria ao Alasca, acompanhando manadas de mamutes. Dos planaltos norte-americanos, os grupos teriam então iniciado a sua migração rumo ao Sul, espalhando-se pelas Américas.

O trabalho da cientista mostrou, no entanto, que a pré-história terá sido outra. Embora a passagem pelo estreito de Behring continue válida, os novos dados indicam que houve uma primeira migração

do *Homo sapiens* para as Américas vindo de África ou da Europa. A hipótese defende que o sistema de correntes marítimas e ventos terá favorecido possíveis travessias do oceano Atlântico em embarcações rudimentares, oceano esse que na altura seria bem menos profundo, ficando pontuado de ilhas que facilitariam essa passagem. Uma possibilidade é a de o *Homo sapiens* ter chegado à América proveniente da Península Ibérica ou das ilhas ao sul, próximas da costa de Marrocos, levado pela corrente das Canárias até à corrente do Golfo. Outra via possível, segundo Niède Guidon, que poderia explicar a antiguidade da presença humana no Nordeste do Brasil, é o percurso que segue pela costa oeste de África, utilizando a corrente de Benguela e depois a corrente equatorial do Golfo da Guiné, até à costa nordestina do Brasil.

Estas conjecturas não excluem a hipótese da existência de outros caminhos da Ásia para as Américas, como o colar das ilhas Aleútas, um arquipélago a sudoeste do Alasca, as ilhas da Malásia, da Indonésia e da Oceânia. As vias de acesso abriam-se e fechavam-se segundo as oscilações climáticas e podem ter sido utilizadas em